

OS 50 ANOS DO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA

1921-1971



EDITORIA VENTO DE LESTE

COLECÇÃO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL—9

«Considero que a actual situação internacional caracteriza-se pelo facto do vento leste prevalecer sobre o vento oeste».

Novembro 1957

Mao tse-tung

Editora Responsável:
O TEMPO E O MODO, SARL

**OS 50 ANOS
DO PARTIDO COMUNISTA
DA CHINA**

1921-1971

*Fotocomposto em Helvetica 8 pica
por Fototexto, Lda.
Impresso em offset por Beira Douro, Lda.
Lisboa – Dezembro de 1974 – 10.000 ex.*

EDITORA VENTO DE LESTE
COLECÇÃO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL – 9

INTRODUÇÃO

Como nos indicam os camaradas chineses na última parte deste pequeno livro – que relata, resumidamente, a rica experiência histórica do PCC – «o importante é saber aprender».

O primeiro dos ricos ensinamentos universais que podemos tirar é que sempre que o marxismo-leninismo se funde com a realidade concreta de um dado país a Revolução avança e conquista grandes vitórias. E, para que essa fusão se dê, é indispensável a existência de um partido comunista, de um destacamento organizado que agrupe a vanguarda da classe operária, condição indispensável para a definição de uma linha política autónoma do proletariado. O modo como construir esse partido é uma questão a que só pode ser dada uma correcta resposta atendendo às condições concretas do país onde irá aparecer. Assim na China não havia organização alguma que se afirmasse (independentemente de o ser ou não) vanguarda do proletariado.

O mesmo não se passa em Portugal em que além do partido revisionista inúmeras outras organizações se reclamam da classe operária. Se aos camaradas chineses foi, pois, possível fundar o Partido quando ainda relativamente pouco implantado nas massas e posteriormente é que se foi ligando a elas no calor da luta, no nosso país, o caminho a seguir terá de ser forçosamente diferente, pois só depois de se ter ligado minimamente às amplas massas populares – e o único caminho para o conseguir é mergulhar profundamente na luta de classes – de ter

ganho a confiança e o apoio da classe operária é que o Partido se poderá fundar.

Outra lição a tirar da história do PCC é a necessidade de responder correctamente à questão «Quem são os nossos amigos? Quem são os nossos inimigos?» Para o fazer o camarada Mao teve de estudar a sociedade chinesa e definir quais as diferentes classes e camadas de classe existentes e qual a sua posição face à Revolução. Foi a partir dessa análise que foram definidas as diversas etapas da Revolução. Sempre que o PCC se afastou da linha proletária do Presidente Mao sofreu enormes derrotas. Efectivamente a luta de classes tem o seu reflexo no seio do Partido, e não faltaram na revolução chinesa os agentes da burguesia infiltrados no Partido que tentaram de diversas formas aniquilar a Revolução Chinesa. Os trostkistas visavam isolar a classe operária, lançar nas mãos da burguesia o campesinato e as demais classes revolucionárias. Por outro lado, e com idênticas intenções os oportunistas de direita proclamavam a necessidade de alianças com tudo e todos e negavam o papel de direcção que o proletariado deve ter no seio da frente. A história provou mais uma vez que a frente única de todas as classes e camadas revolucionárias deve ter como esteio a aliança operário-camponesa, que o campesinato é o aliado mais seguro do proletariado e que este deve exercer a sua hegemonia para conduzir vitoriosamente a revolução. Em Portugal esta aliança põe-se como uma necessidade fundamental, como um dos pontos em torno dos quais se centra a luta dos marxistas-leninistas-maoistas portugueses. De notar também a necessidade, como o presidente Mao enunciou, de a organização autónoma do proletariado não se dissolver no seio da frente.

A questão fundamental que se põe em qualquer revo-

lução é a tomada do poder político. E essa tomada só se pode efectuar com a força da violência revolucionária. A revolução chinesa provou-nos uma vez mais que «o poder está na ponta da espingarda» e que só com um exército, sob a direcção do Partido, a burguesia poderá ser derrubada. Esta é uma lição particularmente importante. Em todo o mundo e Portugal não é, bem pelo contrário, uma excepção, os revisionistas tentam lançar ilusões no seio da classe operária e do povo, afirmando que é possível a transição pacífica para o socialismo. No nosso país em que a revolução avança e cria uma contra-revolução forte, unida e ferreamente armada, iludir o povo e pô-lo frente a frente à burguesia «inocentemente» desarmado como querem os revisionistas teria na prática consequências catastróficas. Na China, como cá, não faltaram também neste campo aqueles que apregoavam que a classe operária devia seguir a via parlamentar, devia trilhar o caminho da legalidade burguesa; contudo os camaradas chineses souberam assimilar os ensinamentos do Presidente Mao que diz: «Na China, sem luta armada não há lugar para o proletariado, para o Povo, e para o Partido Comunista e não há vitória da Revolução».

A realidade do PCC mostra-nos ainda a necessidade de forjar na luta quadros verdadeiramente revolucionários. Uma linha, por mais justa que seja necessita de quadros com verdadeiro espírito proletário, com o espírito de «servir o povo de todo o coração», modestos, perseverantes, capazes de seguir o método da crítica e da autocritica.

No 1.º de Outubro de 1949, o Povo Chinês conquistou o poder continuando, agora em novas condições, a caminhar firmemente para uma sociedade sem classes, para o comunismo.

As classes e a luta de classes continuam a existir no socialismo, reflectindo-se esta luta no seio do Partido sob a forma da luta entre as duas linhas, a linha proletária e a linha burguesa, a via do socialismo e a do capitalismo. O último representante da linha burguesa desmascarado no seio do Partido Comunista Chinês foi o renegado Lin Piao sobre o qual nos diz Chou en Lai no seu Relatório ao X Congresso:

«Todos sabemos que o relatório político do IX Congresso foi elaborado sob a direcção pessoal do Presidente Mao. Antes desse Congresso, Lin Piao, em colaboração com Tchen Po-ta tinha redigido um projecto de relatório político. Opondo-se ao prosseguimento da Revolução sob a ditadura do proletariado, sustentavam que, após o IX Congresso a tarefa principal devia ser o desenvolvimento da produção. Isso não passa de uma nova versão para a nova conjuntura do absurdo revisionista segundo o qual no plano interno, a contradição principal não é a contradição entre o proletariado e a burguesia, mas sim «a contradição entre o regime socialista avançado e as forças produtivas sociais atrasadas», teoria que Liu Shao-chi e Tchen Po-ta conseguiram inserir nas resoluções do VII Congresso do Partido. O Comité Central, naturalmente, rejeitou esse projecto elaborado por Lin Piao e Tchen Po-ta. Lin Piao, apoiava secretamente Tchen Po-ta, o qual se opunha abertamente ao relatório político redigido sob a direcção pessoal do Presidente Mao. Só depois de a sua tentativa ter fracassado, aceitou, contra vontade, a linha política do Comité Central e leu ao Congresso o relatório político do Comité Central. No entanto, durante e após o IX Congresso, apesar dos esforços feitos pelo Presidente Mao no sentido de o educar, de o contrariar, e de o recuperar,

Lin Piao continuava a entregar-se a conjuras e a sabotagens, chegando a empreender em Agosto de 1970, na II Sessão Plenária do IX Comité Central, um golpe de estado contra-revolucionário que se malogrou, de elaborar em Março de 1971, o «Projecto de Trabalhos 571», plano de um golpe de estado armado contra-revolucionário, na vã esperança de atentar contra a vida do nosso grande líder o Presidente Mao, e de estabelecer um outro Comité Central. Tendo fracassado nos seus desígnios, a 13 de Setembro tomou ilicitamente um avião para se passar ao revisionismo soviético, traíndo o Partido e a Pátria, mas morreu ao despenhar-se em Undur Khan, na Mongólia.

** * **

A presente edição dos 50 anos do Partido Comunista da China, é feita de acordo com a edição em línguas estrangeiras das edições de Pequim, com pequenas alterações formais e tendo sido cortadas todas as citações feitas do traidor e renegado Lin Piao.

Novembro de 1974

PASSARAM exactamente cinquenta anos desde que o Partido Comunista da China realizou o seu I Congresso Nacional, em Xangai, a 1 de Julho de 1921.

O nascimento do Partido Comunista da China inaugurou uma nova época no desenrolar da História da China. Por mais de setenta anos, desde a Guerra do Ópio de 1840 ao Movimento de 4 de Maio de 1919, o povo chinês, submetido a intenso sofrimento, tinha travado heróicas lutas de resistência à opressão imperialista e feudal. Mas todas essas lutas, incluídos os movimentos revolucionários de grande envergadura dirigidos por Hom Siu-tchiuan e Sun Yat-sen, falharam. A Revolução Socialista Russa de Outubro de 1917, dirigida pelo grande Lenine, trouxe o Marxismo-Leninismo ao povo chinês.

A fusão do Marxismo-Leninismo com o movimento revolucionário chinês deu origem ao Partido Comunista da China, vanguarda do proletariado chinês. Como o Presidente Mao assinalou, **«na China, nasceu o Partido Comunista, um acontecimento que faz época.»**

No momento da fundação do Partido Comunista da China, apenas existiam uns quantos grupos comunistas, integrados por umas dezenas de membros. Mas tratava-se de uma força jovem, e toda a força jovem, por natureza é invencível. Nada podia pois abater o Partido Comunista da China, nem os aviões e canhões imperialistas e kuomintangistas, nem o terror branco e a tirania dos agentes secretos, nem as maquinações e a sabotagem dos traidores e agentes infiltrados. Pelo contrário, o

Partido cresceu convertendo-se no partido dirigente da República Popular da China, após meio século de árdua luta. A velha China semi-colonial e semi-feudal transformou-se na China nova socialista que vive um começo de prosperidade.

A história de cinquenta anos do Partido Comunista da China prova que o êxito ou fracasso dum partido político depende da correcção ou incorrecção da sua linha. Uma linha incorrecta conduz inclusive à perda do poder político que se tenha conquistado; uma linha correcta habilita o partido que ainda não tenha atingido o poder a conquistá-lo. Mas a linha correcta não cai do céu nem surge ou se desenvolve espontânea e pacificamente; existe conjuntamente com a linha errada, desenvolve-se na luta contra esta.

No IX Congresso Nacional do Partido Comunista da China, foi dito: «A história do Partido Comunista da China é a história da luta da linha marxista-leninista do Presidente Mao contra as linhas oportunistas de direita e de «esquerda» no seio do Partido. Sob a direcção do Presidente Mao, o nosso Partido derrotou a linha oportunista de direita de Tchen Tu-siu, derrotou as linhas oportunistas de «esquerda» de Quiu Tsiu-bai e Li Li-san, derrotou a linha oportunista, primeiramente de «esquerda» e posteriormente de direita, de Vam Mim, derrotou a linha de Tcham Cuo-tao de divisão do Exército Vermelho, derrotou a aliança oportunista de direita e anti-partido de Pem Te-huai, Cao Cam, Jao Chu-chi e outros, e, após prolongada luta, esmagou ainda a linha revisionista contra-revolucionária de Liu Shao-chi. Foi precisamente na luta entre duas linhas, sobretudo na luta vitoriosa contra as três camarilhas renegadas de Tchen Tu-siu, Vam Mim e Liu Shao-chi, causadoras dos maiores danos ao Partido,

que o nosso Partido se consolidou, desenvolveu e robusteceu». É exactamente a linha marxista-leninista do Presidente Mao que tem guiado o Partido e o povo na via sinuosa da revolução, permitindo-lhes salvar-se dos perigos, passar do fraco ao forte, do pequeno ao grande e avançar da derrota à vitória, até às grandes vitórias de hoje.

O Presidente Mao ensina-nos: **«Já conquistámos grandes vitórias. Mas a classe derrotada ainda esperneará. Essa gente ainda sobrevive, essa classe também. Não podemos pois falar de vitória final. Não poderemos falar nisso por dezenas de anos. Não devemos cessar a vigilância.»**

Ao celebrarmos o quinquagésimo aniversário do Partido Comunista da China, a tarefa do nosso Partido é observar os ensinamentos do Presidente Mao, aplicar a linha **unamo-nos para conquistar vitórias ainda maiores** traçada pelo IX Congresso Nacional do Partido e cumprir as várias tarefas de combate definidas por esse congresso e pelas I e II Sessões Plenárias do IX Comité Central do Partido. Neste momento, é particularmente necessário que a totalidade do Partido critique o revisionismo e rectifique o estilo de trabalho, lance uma campanha de educação sobre ideologia e linha política, estude conscienciosamente o Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Tsetung e estude e sintetize a experiência histórica da luta entre duas linhas no interior do Partido. Essa a garantia fundamental na conquista de grandes vitórias para a sua causa.

PERSISTIR NA VIA DA TOMADA DO PODER POLÍTICO PELAS ARMAS

O Marxismo-Leninismo sustenta que a questão fundamental da revolução é a questão do poder político e que a conquista do poder pelas armas é a tarefa central e a forma suprema da revolução. Essa é uma verdade universal do Marxismo-Leninismo. Quem quer que a negue, ou admita em palavras mas negue em actos, não é um verdadeiro marxista-leninista. Mas as condições concretas diferem em cada país; como realizar pois na China tal tarefa? Baseando-se na grande prática da Revolução de Outubro, Lénine, no seu «Relatório ao Segundo Congresso de Toda a Rússia das Organizações Comunistas dos Povos do Oriente», em Novembro de 1919, assinalou aos comunistas dos povos orientais que deviam atender às características das suas próprias regiões, e aplicar a teoria e a prática comunistas gerais de harmonia com as condições específicas, inexistentes nos países europeus. Lénine sublinhou que isso constituía **«tarefa que se não havia apresentado antes aos comunistas do mundo»**. Como é óbvio, a tomada do poder político e a vitória da revolução ficam fora de causa se a verdade universal do Marxismo-Leninismo não se liga à prática revolucionária concreta em cada país.

Baseada na unidade da verdade universal do Marxismo-Leninismo com a prática concreta da revolução chinesa, o Presidente Mao analisou a história e a situação da China na altura, bem como as contradições principais da sociedade chinesa contemporânea, e deu uma resposta correcta quanto a alvos, tarefas, forças motrizes, carácter, perspectivas e etapas da revolução chinesa. O

Presidente Mao indicou: A revolução chinesa é a continuação da Revolução de Outubro e parte da revolução socialista proletária mundial. A revolução chinesa tem de dar dois passos. Primeiro, revolução de democracia nova e, segundo, revolução socialista. Trata-se de dois processos revolucionários essencialmente diferentes, ao mesmo tempo distintos e interligados. O segundo processo ou revolução socialista só pode ser levado a cabo depois que o primeiro processo ou revolução democrático-burguesa tenha sido concluído. A revolução democrática é a preparação necessária para a revolução socialista e a revolução socialista é a tendência inevitável da revolução democrática. O Presidente Mao indicou: Partido Comunista edificado conformemente à teoria revolucionária marxista-leninista e ao estilo revolucionário marxista-leninista; exército sob direcção desse Partido; frente única de todas as classes revolucionárias e grupos revolucionários sob a direcção de tal Partido — essas as três armas principais para a tomada e consolidação do poder político. A revolução chinesa avançou precisamente ao longo dessa via.

A revolução de democracia nova dirigida pelo Partido Comunista da China atravessou quatro períodos históricos — Primeira Guerra Civil Revolucionária, Guerra Revolucionária Agrária, Guerra de Resistência contra o Japão e Guerra Popular de Libertação. O problema da tomada do poder político pelas armas não foi resolvido senão ao fim dos vinte e oito anos que vão de 1921 a 1949.

O nosso Partido estava ainda na infância durante o período da Primeira Guerra Civil Revolucionária. Nas fases inicial e média desse período a linha do Partido era correcta. As obras «Análise das Classes na Sociedade Chinesa», «Relatório sobre uma Investigação Feita no Hunan a respeito do Movimento Camponês» e outras, publicadas

na altura pelo camarada Mao Tsetung, representavam a linha correcta do Partido. Com base em investigações e estudos exaustivos e sistemáticos, o Presidente Mao procedeu a uma análise concreta da situação económica e da atitude política das várias classes da sociedade chinesa. Com clareza, assinalou: **«Os nossos inimigos são todos os que estão conluiados com o imperialismo – os caudilhos militares, os burocratas, a classe dos compradores, a classe dos grandes senhores de terras e o sector reaccionário dos intelectuais que lhes é anexo.»** E indicou ainda: **«A força dirigente da nossa revolução é o proletariado industrial. Os nossos mais chegados amigos são a totalidade do semi-proletariado e a pequena burguesia».** Dispensando uma atenção particular à questão da mobilização e armamento dos camponeses, o Presidente Mao indicou que **«sem os camponeses pobres não haveria revolução».** Assinalou também que a burguesia nacional era uma classe vacilante; a sua ala direita podia transformar-se em nossa inimiga e a esquerda, em nossa amiga, devendo no entanto manter-nos constantemente vigilantes e não permitir que tal classe viesse criar confusão nas nossas fileiras. Desse modo resolveu uma questão de primordial importância para a revolução, a saber, **«quem são os nossos inimigos? quem são os nossos amigos?»** Ele combateu tanto o oportunismo de direita representado por Tchen Tu-siu, que apenas atendia ao Kuomintang e não aos camponeses, como o oportunismo de «esquerda» representado por Tcham Cuo-tao, que apenas se preocupava com o movimento operário e tão-pouco atendia aos camponeses.

Tchen Tu-siu, então secretário geral do Partido Comunista da China, era na realidade um democrata radical

burguês. Nada sabia de marxismo, chegou mesmo a sustentar que não tinha havido sociedade de escravos na China. Afirmava que, dado o facto de a revolução chinesa ser então uma revolução de carácter democrático-burguês, só podia levar à fundação de uma república burguesa e ser dirigida pela burguesia. Pregava que o proletariado chinês não constituía uma «força independente revolucionária» nem podia ser a classe dirigente e caluniava os camponeses chamando-lhes «relaxados», «conservadores» e «de difícil adesão à revolução». Rejeitava radicalmente os pontos de vista correctos do camarada Mao Tsetung e abandonou a direcção sobre os camponeses, pequena burguesia urbana e média burguesia, e, em particular, a direcção sobre as forças armadas. Propugnava apenas a unidade e não a luta na Frente Única. E quando as massas de operários e camponeses se mobilizaram teve medo que estas apavorassem a burguesia. Tchen Tu-siu e o seu seguidor Liu Shao-chi chegaram ao ponto de ordenar que os piquetes de operários de Vuhan dessem as armas ao Kuomintang. Quando Tchiang Kai-chek e Uam Tsim-vei, representantes da classe dos grandes senhores de terras e da grande burguesia, traíram um após outro a revolução e passaram ao massacre de operários e camponeses, as grandes massas populares encontravam-se sem armas e a possante grande revolução terminou num fracasso. Mais tarde agarrando-se às posições reaccionárias de Trotsky, Tchen Tu-siu sustentou que a instauração do governo reaccionário tchiangkai-chekista assinalava a conclusão da revolução democrática-burguesa e a única coisa que o proletariado podia fazer era empenhar-se numa luta parlamentar legal e esperar pelo momento em que o capitalismo se tivesse desenvolvido na China para fazer então a chamada revo-

lução socialista. Isso equivalia a liquidar a revolução chinesa.

Os comunistas chineses não se acobardaram com os massacres perpetrados por Tchiang Kai-chek. Tchiang Kai-chek, Uam Tsim-vei e Tchen Tu-siu, esses professores pelo exemplo negativo, fizeram-nos compreender que **«na China, sem luta armada não há lugar para o proletariado, para o povo e para o Partido Comunista, e não há vitória da revolução»**, compreender essa verdade do Marxismo-Leninismo de que **«o poder está na ponta da espingarda»**. Para salvar a revolução, lançou-se a Insurreição de Nantcham, em 1 de Agosto de 1927. O disparo da primeira bala sobre os reaccionários Kuomintangistas constitui o aspecto justo da Insurreição de Nantcham. O seu aspecto erróneo está em não ter avançado para o campo, a fim de mobilizar e armar as massas camponesas e criar bases de apoio, e sim terem-se considerado as cidades como centro e ter-se ficado dependente da ajuda estrangeira. A 7 de Agosto o Comité Central do Partido realizou uma reunião de emergência, em Hancou, na qual se rectificou a linha capitulacionista de Tchen Tu-siu e se procedeu à remoção deste do cargo de direcção. Depois da reunião de 7 de Agosto, o Presidente Mao em pessoa dirigiu a Insurreição da Colheita de Outono, organizou o primeiro contingente do Exército Vermelho dos Operários e Camponeses e fundou a primeira base de apoio rural revolucionária nas montanhas Tchincam, acendendo essa faísca duma **«base revolucionária armada dos operários e camponeses»**. Em Abril de 1928, o que restava das tropas da Insurreição de Nantcham atingiu as montanhas Tchincam. Sob direcção do Presidente Mao, o Exército Vermelho dos Operários e Camponeses esmagou victoriosamente as primeira, segunda e terceira campanhas

contra-revolucionárias de «cerco e aniquilamento», lançadas pelo Kuomintang contra a Base Vermelha Central. E a guerra de guerrilhas expandiu-se sucessivamente para o Quiansi, Fuquien, Hunan, Hupei, Honan, Anghuei, Cuansi, Quantum, Setchuan, Xensi e outros pontos. O Presidente Mao sintetizou oportunamente as experiências e escreveu «Porque Pode Existir na China o Poder Vermelho?», «A Luta nas Montanhas Tchincam», «Sobre a Eliminação das Concepções Erradas no Seio do Partido», «Uma Faísca Pode Incendiar Toda a Pradaria», bem como outros importantes trabalhos. Nessas obras, ele esclareceu teoricamente que, na China, a conquista do poder político pelas armas não podia efectivar-se como nos países capitalistas — tomar primeiro as cidades e avançar depois para o campo — mas sim seguindo a via de estabelecer bases de apoio rurais, cercar depois as cidades a partir do campo e conquistar finalmente as cidades.

O Presidente Mao assinalou: **«A história do nosso Partido mostra que é fácil produzirem-se desvios de direita nos períodos em que o Partido forma uma frente única com o Kuomintang, e desvios de «esquerda» nos períodos em que o Partido rompe com o Kuomintang»**. Pouco depois de o nosso Partido ter rompido com o Kuomintang e corrigido a linha oportunista de direita de Tchen Tu-siu, surgiu a linha putchista de «esquerda» de Quiu Tsiu-bai, entre fins de 1927 e começos de 1928, a linha oportunista de «esquerda» de Li Li-san, entre Junho e Setembro de 1930, e a linha oportunista de «esquerda» de Vam Mim, entre 1931 e 1934. Durante esse período, embora se tivesse registado o liquidacionismo direitista de Luo Tcham-lom e outros desvios de direita caracterizados pelo pessimismo e falta de esperança no futuro da revolução, o principal foi a existência

das três linhas oportunistas de «esquerda». Em particular, a linha oportunista de «esquerda» de Vam Mim, predominante no Partido durante quatro anos, foi a que nos causou os maiores danos e ministrou as mais sérias lições.

Em Janeiro de 1931, Vam Mim usurpou a direcção central do Partido, durante a IV Sessão Plenária do VI Comité Central. Vam Mim dizia-se «bolchevique a cem por cento». Ao mesmo tempo que arvorava a bandeira de «oposição à linha Li Li-san», alegava que a anterior direcção central «nada havia feito para desmascarar e combater a teoria e a prática invariavelmente oportunistas de direita de Li Li-san», e sustentava: «o desvio de direita ainda é, presentemente, o perigo principal no Partido». Realmente ele promovia uma linha oportunista ainda mais esquerdista que a linha de Li Li-san. Tal como os outros oportunistas de «esquerda», Vam Mim nada sabia sobre teoria e prática da revolução chinesa. Confundiam a distinção entre revolução democrática e revolução socialista. Nada sabiam sobre operários e camponeses, sobre como fazer a guerra e sobre o carácter desigual, sinuoso e prolongado da revolução chinesa. Não procediam a qualquer investigação ou estudo sobre as relações de classe na China, mas alegavam que os grupos intermédios eram «o mais perigoso inimigo» e propunham a oposição total à burguesia e à camada superior da pequena burguesia. Levavam à prática numerosas políticas de «esquerda» cuja característica era «só luta, nada de unidade». No respeitante à linha militar, lançaram-se primeiramente na aventura e passaram depois ao arrisca-tudo e à debandada. Quanto à linha organizativa, praticavam o sectarismo e privaram o Presidente Mao do poder. Eles recorriam à «luta crua e aos golpes despiados» contra todos os que discordassem da sua linha errada. Agindo como

monarca absoluto, Vam Mim colocou-se acima do Partido e do povo, e disseminou por toda a parte a sua linha errónea. O resultado foi que a potência do nosso Partido sofreu perdas de noventa por cento nas regiões vermelhas e quase de cem por cento nas regiões brancas, e o Exército Vermelho foi compelido a deslocar-se, lançando-se na Longa Marcha.

As duas linhas, os dois resultados, ministraram a todo o nosso Partido uma lição simultaneamente positiva e negativa. Quando se seguiu a linha revolucionária do Presidente Mao, nós que não tínhamos exército, criámos um exército, nós, que não tínhamos bases de apoio revolucionárias, criámos essas bases. Quando se seguiu a linha oportunista de «esquerda» de Vam Mim, as bases de apoio revolucionárias perderam-se e o Exército Vermelho dos Operários e Camponeses ficou colocado numa posição de extremo perigo. Repetidas provas na prática revolucionária confirmaram que a linha revolucionária do Presidente Mao é a única linha correcta. Vam Mim, que avançara «o núcleo sou eu» e se dizia «cem por cento» correcto, não era no fundo mais que um pseudomarxista. Em Janeiro de 1935 o Exército Vermelho chegou, na Longa Marcha, a Tsuen-yi, Cuidju, onde a direcção central do Partido convocou uma reunião ampliada do Secretariado Político, isto é, a grande reunião histórica de Tsuen-yi. A reunião acabou com o predomínio da linha oportunista de «esquerda» de Vam Mim na direcção central do Partido, estabeleceu a posição dirigente do Presidente Mao em todo o Partido e colocou a linha do Partido sobre a correcta via marxista-leninista. Tanto sangue se verteu e tão caro se pagou para que chegássemos a isso!

A Reunião de Tsue-yi assinala a passagem do nosso Partido da infância para a maturidade. Sob a direcção do

grande dirigente que é o Presidente Mao, após a Reunião de Tsuen-yi a mundialmente famosa Longa Marcha de vinte e cinco mil /is concluiu-se por uma vitória. Durante a Longa Marcha, o Exército da I Frente do Exército Vermelho constituiu-se em destacamento anti-japonês em avanço para o norte e marchou para o norte do Xensi, inspirando o povo de todo o país na sua determinação de resistir à agressão imperialista japonesa. Em seguida, o nosso Partido esmagou a linha de Tcham Cuo-tao que visava estabelecer outro Comité Central e dividir o Exército Vermelho. Em Outubro de 1936, os Exércitos das II e IV Frentes atingiram o norte de Xensi e juntaram-se vitoriosamente às forças do Exército da I Frente e do Exército Vermelho do Norte de Xensi. Nessa altura, o Exército Vermelho tinha diminuído de trezentos mil homens para menos de trinta mil. A potência do nosso Partido estava, no momento, quantitativamente diminuída mas, graças a uma linha correcta, o Partido encontrava-se qualitativamente mais forte que nunca.

A partir de 1937 a revolução chinesa entrou no período da Guerra de Resistência contra o Japão. O nosso Partido operou vitoriosamente a passagem da etapa da Revolução Agrária à etapa da Frente Única Nacional Anti-Japonesa. Mas o agudizar da contradição entre a China e o Japão e a constituição, pela segunda vez, da Frente Única entre o Kuomintang e o Partido Comunista subiram, como a maré, à cabeça de algumas pessoas. Isso reflectiu-se no interior do Partido por uma luta entre este e a linha oportunista da direita representada por Vam Mim.

Logo no início da Guerra de Resistência contra o Japão, o renegado Vam Mim pulou da extrema «esquerda» à extrema direita. Sob pretexto da formação da Frente Única Nacional Anti-Japonesa, depositou mais confiança no

Kuomintang que no Partido Comunista, abandonou por completo o princípio de independência e autonomia do Partido Comunista e avançou na ideia de «tudo através da Frente Única», «subordinar tudo à Frente Única». No fundo, isso significava fazer passar tudo e submeter tudo ao Kuomintang, significava não ousar lutar decididamente contra as políticas reaccionárias kuomintangistas, não ousar mobilizar amplamente as massas, não desenvolver com audácia as forças armadas revolucionárias e não ampliar as bases de apoio anti-japonesas nas regiões ocupadas pelos bandidos japoneses. Era dar de presente, ao Kuomintang, a direcção da Guerra de Resistência contra o Japão. Assim regressava Vam Mim à linha errónea de «só unidade, nada de luta», defendida por Tchen Tu-siu em 1927. Entretanto Liu Shao-chi correu para as bases de apoio revolucionárias, vindo das regiões brancas. Aparentemente, Liu Shao-chi opunha-se à linha de Vam Mim e apoiava a linha correcta do Presidente Mao, e pavoneava-se de representante da linha justa no trabalho das regiões brancas, com o que escondia a sua verdadeira face. Com efeito há muito que era um traidor, agente infiltrado e fura-greves, sendo totalmente incorrecta a linha que promovia nas regiões brancas. Em *Auto-aperfeiçoamento*, livro sinistro que pôs a correr, Liu Shao-chi de modo nenhum tocou na questão de derrotar o imperialismo japonês, na questão de como combater os reaccionários kuomintangistas e na questão da tomada do poder político pelas armas; pelo contrário instiga os membros do Partido Comunista a desligarem-se da grande prática da revolução, para estudarem as doutrinas de Confúcio e Mêncio e se consagrarem ao idealismo do «auto-aperfeiçoamento». O que prega é também uma linha capitulacionista. As chamadas «literatura de defesa

nacional» e «filosofia de defesa nacional» que brotaram nesse período eram na realidade uma literatura vende-pátria e uma filosofia de capitulação. Eram tanto produtos da linha capitulacionista de Vam Mim como da linha errónea de Liu Shao-chi no trabalho das regiões brancas.

O grande dirigente, o Presidente Mao, criticou sistemática e radicalmente a linha capitulacionista de direita representada por Vam Mim. Na obra «A Situação e as Tarefas da Guerra de Resistência contra o Japão após a queda de Xangai e Tai-ian», escrita em Novembro de 1937, o Presidente Mao alertou o Partido inteiro contra o capitulacionismo de direita de Vam Mim: **«Em 1927 o capitulacionismo de Tchen Tu-siu conduziu a revolução à derrota. Que nenhum membro do Partido esqueça essa lição histórica paga com o nosso próprio sangue»**. De novo o Presidente Mao levantou o problema da luta entre o proletariado e a burguesia pela direcção e sublinhou a necessidade de insistir na direcção proletária e **«observar estritamente o princípio de independência e autonomia em todo o trabalho respeitante à Frente Única»**. Mas Vam Mim opôs-se à linha do Presidente Mao e continuou a promover a sua linha oportunista. Nos seus relatórios e conclusões à VI Sessão Plenária do VI Comité Central do Partido, em Outubro de 1938, o Presidente Mao tratou da questão do papel do Partido Comunista da China na guerra nacional, refutou a linha oportunista de Vam Mim e formulou para o Partido a linha e a política de dirigir a luta armada com independência e autonomia. A sessão aprovou o relatório e as conclusões do Presidente Mao. Mais tarde, em «Sobre a Nossa Política» e noutros trabalhos, o Presidente Mao ensinou repetidas vezes à totalidade do Partido que a política de frente única **«nem é unidade sem luta nem luta sem unidade. Associa a**

unidade e a luta.» Se o nosso Partido derrotou as repetidas campanhas anticomunistas do Kuomintang e assegurou firmemente a direcção da Frente Única Nacional Anti-Japonesa, foi porque a linha revolucionária do Presidente Mao havia já alcançado uma posição de predominância em todo o Partido, porque tínhamos criticado radicalmente a linha capitulacionista de direita de Vam Mim, corrigido o desvio de «esquerda» na luta contra o Kuomintang, perseverado na política correcta de **desenvolver as forças progressivas, ganhar as forças intermédias, isolar as forças obstinadas**, e aplicado os princípios de **exploração das contradições, conquistar a maioria, opor-se à minoria e esmagar os adversários um a um e agir com razão, vantagem e medida** no combate aos anticomunistas obstinados. Sem ajuda de fora, apoiando-nos apenas nas nossas próprias forças, desenvolvemos a produção, superámos as dificuldades, resistimos ao grosso das forças invasoras japonesas e praticamente à totalidade das forças fantoches, e desenvolvemos e robustecemos o VIII Exército, o Novo IV Exército, a Coluna de Guerrilhas Anti-japonesa do Sul da China e as várias bases de apoio antijaponesas.

O camarada Mao Tsetung atribuiu grande importância à edificação ideológica do Partido desde os primeiros momentos da respectiva fundação. A Resolução da Reunião de Cutien, redigida pelo Presidente Mao, «Sobre a Prática», «Sobre a Contradição» e outros trabalhos filosóficos, desempenharam enorme papel na educação ideológica da totalidade do Partido. Nos primeiros anos quarenta, quando a Guerra de Resistência contra o Japão estava na fase de equilíbrio, o Comité Central do Partido aproveitou essa excelente oportunidade para desencadear por todo o Partido um movimento de rectificação com

vistas a elevar-lhe o nível marxista-leninista. O Presidente Mao publicou uma série de obras sobre o movimento de rectificação, tais como «Reformemos o Nosso Estudo», «Rectificar o Estilo de Trabalho do Partido», «Contra o Estilo de Cliché no Partido» e «Intervenções nos Colóquios de Ien-an sobre Literatura e Arte», chamando a totalidade do Partido a **«combater o subjectivismo a fim de rectificar o estilo de estudo, combater o sectarismo a fim de rectificar o estilo nas relações do Partido, e combater os clichés do Partido a fim de rectificar o estilo literário»**. O Presidente Mao assinalou: **«Para dirigir o movimento revolucionário de maneira que se desenvolva melhor e atinja mais rapidamente o objectivo, devemos, embora o nosso Partido e respectivas fileiras estejam puros, pôr ordem conscienciosamente no seu interior, tanto no que respeita à ideologia como à organização. E para que haja ordem em matéria de organização, necessita-se primeiramente de ordem no plano da ideologia, impõe-se desenvolver a luta que opõe a ideologia proletária à ideologia não proletária.»**

O movimento de rectificação em Ien-an, dirigido pessoalmente pelo Presidente Mao, foi um grande e generalizado movimento de educação marxista. Através do estudo das obras de Marx, Engels, Lenine e Estaline, através do estudo das obras do Presidente Mao, através do estudo do materialismo dialéctico e do materialismo histórico e através do desmascaramento da essência anti-marxista-leninista das várias linhas oportunistas de «esquerda» e direita, a totalidade do Partido distinguiu a linha correcta da incorrecta, a ideologia proletária da ideologia não proletária e beneficiou enormemente. A política de **tirar lições dos erros passados a fim de evitar erros no futuro e tratar a doença para salvar o doente** foi adoptada

no movimento de rectificação. Graças à crítica e à autocrítica, os quadros de todo o Partido atingiram uma nova unidade na base dos princípios do Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Tsetung.

Presidido pelo grande dirigente, o Presidente Mao, o VII Congresso Nacional do Partido foi vitoriosamente convocado em Abril de 1945. No Congresso, o Presidente Mao apresentou um relatório político, «Sobre o Governo de Coalizão, e definiu a linha política do Partido de **«mobilizar sem reserva as massas, engrossar as forças populares, a fim de, sob direcção do nosso Partido, derrotar os agressores e fundar uma nova China»**. O VII Congresso do Partido foi um congresso de vitória, um congresso de unidade; ele promoveu, entre as centenas de milhões de homens do país, uma vontade de combate e uma confiança na vitória similares às de Yukong ao remover as montanhas. Na altura da vitória da Guerra de Resistência contra o Japão, o exército dirigido pelo nosso Partido crescera para um milhão de homens e as regiões libertadas haviam-se expandido a ponto de atingirem uma população de cem milhões de indivíduos. A força revolucionária do povo chinês estava mais poderosa que nunca.

A vitória na Guerra de Resistência contra o Japão determinou uma mudança brusca na situação e nas relações de classe dentro e fora do país. Com a ajuda do imperialismo norte-americano, Tchiang Kai-chek, que jamais descurara a liquidação do Partido Comunista, decidiu-se pelo desencadeamento duma guerra civil contra-revolucionária. Havia que ousar lutar e conquistar a vitória? **«edificar um país de democracia nova, das grandes massas do povo, sob direcção do proletariado, ou construir um país semi-colonial e semi-feudal sob ditadura dos grandes senhores de terras e da grande**

burguesia?» Essa era a questão com que se defrontava a totalidade do Partido, do exército e do povo do país. Nesse momento Liu Shao-chi lançou a sua linha capitulacionista, apregoando: «A China entrou numa nova etapa, de paz e de democracia». E proclamava ruidosamente: «A forma principal de luta da revolução chinesa deve passar da luta armada à luta não armada, à luta de massas parlamentar», «todo o trabalho do nosso Partido tem de ser reorganizado». Liu Shao-Chi queria que o nosso Partido rendesse o exército e as bases de apoio revolucionárias a Tchiang Kai-chek, buscasse postos no governo reaccionário kuomintagista e «construísse o país em cooperação» com os reaccionários ianque-tchiangkaichekistas. Essa linha era uma continuação das linhas de Tchen Tu-siu e Vam Mim e um eco, na China, da linha revisionista de Browder, renegado do Partido Comunista dos Estados Unidos. O Presidente Mao opôs-se resolutamente à linha capitulacionista de Liu Shao-chi. Com perspicácia, assinou: **«Tchiang Kai-chek procura sempre arrebatrar ao povo cada polegada de poder e cada centímetro de vantagem por este conquistada. E nós? A nossa política é responder-lhe taco a taco e lutar por cada palmo de terreno.»** «As armas do povo, cada espingarda e cada bala, devem ser todas protegidas, não podem entregar-se». E apontou ainda: **«Como responder taco a taco depende da situação»**. Se quando querem lutar, nós os esmagamos completamente, isso é responder taco a taco. Se quando querem negociar nós, por vezes, não nos apresentamos a negociar, isso é responder taco a taco, mas, outras vezes, ir negociar é igualmente responder taco a taco. À luz das circunstâncias de então, o Presidente Mao definiu as medidas de preparação do combate para quebrar a ofensiva das tropas tchiangkaichekis-

tas, e deslocou-se pessoalmente a Tchuntchim para negociações, pondo a nu a verdadeira face de Tchiang Kai-chek que fingia servir a paz quando realmente estava empenhado numa guerra civil. Face ao medo doentio, então generalizado, com relação aos Estados Unidos, o Presidente Mao avançou a tese de que **todos os reaccionários são tigres de papel**, desmascarando a verdadeira natureza do imperialismo norte-americano e de toda a reacção. Depois que Tchiang Kai-chek iniciou a guerra civil geral, o Presidente Mao, com intrepidez revolucionária, lançou oportunamente o grande apelo de **«derrubar Tchiang Kai-chek e libertar a China inteira»** e conduziu a totalidade do povo do país na derrota da guerra contrarrevolucionária pela guerra revolucionária e na conquista do poder político pelas armas. O Presidente Mao definiu como linha geral e política geral do nosso Partido, para essa fase histórica, a revolução de democracia nova feita pelas grandes massas populares sob direcção do proletariado contra o imperialismo, feudalismo e capitalismo burocrático; formulou como princípio de combate a concentração de forças superiores para aniquilar as forças inimigas uma a uma e, de acordo com o progresso da revolução nas diferentes partes do país, definiu uma série de linhas específicas de trabalho e políticas específicas, relativas à reforma agrária, à consolidação e edificação do Partido e do exército, etc. O Partido emitiu as «Disposições Gerais da Lei Agrária da China», que respondiam à vontade dos camponeses em todo o país; corrigiu tanto o erro desviacionista de direita de não ousar mobilizar audaciosamente as massas e não satisfazer a reivindicação camponesa de terras, como a linha representada por Liu Shao-chi no decorrer da reforma agrária e consolidação do Partido, a qual era de «esquerda» na forma mas de

direita na essência, e se caracterizava por violar os interesses dos camponeses médios, a indústria e o comércio privados, por remover sem distinção e como pedra de tropeço grande número de quadros do Partido, por estabelecer ligações secretas com uns quantos indivíduos, «dignos de confiança», em vez de mobilizar as grandes massas, por generalizar o movimento e bater e lutar a torto e direito a despeito da política do Partido, etc.. Sob direcção do Presidente Mao e com o apoio e a assistência do povo das regiões libertadas e das grandes massas populares nas regiões sob controlo de Tchiang Kai-chek, o grande Exército Popular de Libertação da China eliminou oito milhões de homens pertencentes aos bandos de Tchiang, armados pelo imperialismo norte-americano, libertou a totalidade do território chinês, com excepção da província de Taiwan e de certas ilhas marítimas, e enterrou a dinastia Tchiang, fundando-se então a República Popular da China. A partir daí, o povo chinês estava de pé!

PERSEVERAR NA CONTINUAÇÃO DA REVOLUÇÃO SOB A DITADURA DO PROLETARIADO

A fundação da República Popular da China, em 1949, marcou a conclusão, no fundamental, da etapa da revolução de democracia nova e o começo da etapa da revolução socialista. Logo na II Sessão Plenária do Comité Central eleito pelo VII Congresso do Partido, nas vésperas da vitória à escala nacional, o Presidente Mao indicou explicitamente que a principal contradição interna depois da libertação do nosso país era **«a contradição entre a classe operária e a burguesia»**. O foco da contradição era a prossecução da via socialista ou a prossecução da

via capitalista e o exercício da ditadura do proletariado ou o exercício da ditadura da burguesia.

Tanto o nome do nosso Partido como a nossa concepção marxista-leninista do mundo mostravam inequivocamente, que o programa básico do nosso Partido era a liquidação completa da burguesia e das outras classes exploradoras, o estabelecimento da ditadura do proletariado em vez da ditadura da burguesia e o triunfo do socialismo sobre o capitalismo e que o objectivo final do Partido era a realização do comunismo. Os nossos vinte e oito anos de luta heróica representavam apenas o primeiro passo, na longa marcha de dez mil *lis* em direcção desse objectivo último. A tomada do poder político pelo proletariado não era o fim da revolução mas antes o começo do segundo passo.

A libertação do vasto território do nosso país operou-se gradualmente. O Exército Popular de Libertação, fortalecido por vários milhões de homens, era tanto uma força de combate como uma força de trabalho. O nosso Partido apoiava-se no seu próprio exército, que mobilizou as massas ao mesmo tempo que combatia e que, juntamente com as grandes massas, executou resolutamente a linha e as políticas do Partido, esmagou a máquina de Estado da ditadura dos grandes senhores de terras e da grande burguesia e estabeleceu o regime popular, o qual confiscou todo o capital burocrático que compreendia oitenta por cento das indústrias modernas e as transformou em empresas de Estado socialistas. Além disso, mobilizando audaciosamente as massas, nós lançámos, em grande escala, o movimento de reforma agrária, o movimento de liquidação dos contra-revolucionários e o movimento de resistência à agressão norte-americana e ajuda à Coreia. Em três anos, restaurámos a economia nacional e refor-

çámos a ditadura democrática popular, quer dizer, a ditadura do proletariado.

Em 1953, depois de os ataques frenéticos da burguesia terem sido repelidos durante o movimento dos «três combates» (combate à corrupção, ao desperdício e ao burocratismo) e o movimento dos «cinco combates» (combate ao suborno, à fraude fiscal, ao desvio de bens do Estado, à fraude no cumprimento dos contractos governamentais e ao roubo de informações económicas do Estado), o Presidente Mao, de acordo com a teoria de Lenine sobre o período de transição e fundado na nossa própria prática, formulou a linha geral do Partido para o período de transição: **«Realizar, passo a passo e no decurso de um período bastante prolongado, a industrialização socialista do país e a transformação socialista, pelo Estado, da agricultura, do artesanato e da indústria e comércio capitalistas.»**

A essência da linha geral do Partido para o período de transição era resolver o problema da propriedade dos meios de produção, fazer da propriedade socialista, isto é, propriedade estatal e propriedade colectiva das massas trabalhadoras, a base económica exclusiva do nosso país. Isso era um passo importante para maior consolidação da ditadura do proletariado. Na solução desse problema, nós fomos firmes e avançámos gradualmente. Na agricultura, isso fez-se indo dos grupos de ajuda mútua, que continham um germen de socialismo, às cooperativas inferiores de carácter semi-socialista e, depois, às cooperativas superiores inteiramente socialistas. Na indústria e comércio capitalistas, isso realizou-se começando o Estado por fazer, às empresas privadas, encomendas de processamento e confecção de artigos, adquirindo e colocando o Estado a produção destas e utilizando as empresas priva-

das como seus agentes de compra e venda, para chegar depois a empresas mistas, estatais-privadas, com pagamento de juro fixo sobre o valor dos bens, conformemente à política de remição. Alguns afectados de impetuosidade, não estavam contentes com esse processo, achavam o período de transição demasiado prolongado, queriam o problema resolvido do dia para a noite. Esse desvio de «esquerda» foi, porém, superado em tempo relativamente curto, graças à educação.

A revolução socialista é uma luta para enterrar o capitalismo; foi aclamada pelo povo trabalhador em todo o país mas defrontou-se com uma furiosa sabotagem por parte de Liu Shao-chi e consortes. Pem Te-huai, Cao Can, Jao Chu-chi e outros, formaram uma aliança anti-partido no vão intento de dividir o Comité Central e subverter a ditadura do proletariado. A sua conspiração foi esmagada a tempo pelo Comité Central do Partido. Liu Shao-chi opunha-se completamente à transformação socialista. Já em 1949, nas costas do Comité Central e em violação da Resolução da II Sessão Plenária do Comité Central eleito pelo VII Congresso, pregava, para onde quer que fosse, a tese de que «a exploração tem os seus méritos». Nos primeiros anos cinquenta, avançou a palavra de ordem de «consolidação do sistema de democracia nova». Isso significava «consolidação» e desenvolvimento das forças do capitalismo e adopção da via capitalista em vez da realização da revolução socialista. O Presidente Mao criticou oportunamente essa palavra de ordem, indicando que se tratava de um erro com carácter de programa burguês. O Presidente Mao publicou «Sobre a Questão da Cooperação Agrícola» e outros brilhantes trabalhos para condenar o erro desviacionista de direita, de Liu Shao-chi e respectiva quadrilha, de supressão maciça do número de coope-

rativas e criticou-lhes os absurdos de realização da «mecanização antes da cooperação» e expansão da economia de camponeses ricos. Isso inspirou profundamente as massas de camponeses pobres e camponeses médios da camada inferior, infundindo-lhes entusiasmo socialista pela cooperação. Em pouco mais de um ano, a partir da segunda metade de 1955, os quinhentos milhões de camponeses do nosso país rejubilavam ao empenhar-se na grande via do socialismo. Como o proletariado tinha conquistado as posições representadas pelas extensas áreas rurais, a burguesia, sob o fogo cruzado dos operários e camponeses, ficou isolada e forçada a aceitar a transformação. Em 1956, a transformação socialista da indústria e comércio capitalistas, bem como do artesanato ficou no essencial concluída no nosso país, relativamente ao sistema de propriedade. Em vez de registar qualquer prejuízo, a produção industrial e agrícola progrediu no decorrer dessa grande mudança e a linha geral do Partido para o período de transição coroou-se de grandes vitórias.

Após a conclusão no fundamental da transformação socialista da propriedade dos meios de produção, a revolução socialista da China e a ditadura do proletariado encontraram-se frente a novo problema. Qual contradição interna era a principal? Existiriam ainda classes, contradições de classes e luta de classes? Quais eram as tarefas futuras da revolução chinesa? Liu Shao-chi e a sua quadrilha respondiam: «Na China, a questão de quem vencerá, socialismo ou capitalismo, está já solucionada», «a contradição entre o proletariado e a burguesia está fundamentalmente resolvida» e a principal contradição interna «é a contradição entre o sistema socialista avançado e as atrasadas forças produtivas sociais.» Era, em circunstâncias novas, uma reedição da «teoria das forças

produtivas» sustentada por Bernstein e por Kautsky. Tratava-se do meio através do qual a burguesia travava a luta de classe contra o proletariado. No período da revolução democrática afirmavam que o proletariado não podia tomar o poder político enquanto o capitalismo não estivesse altamente desenvolvido; ao apresentar-se a transformação socialista pretenderam uma «consolidação do sistema de democracia nova»; e depois que as três grandes transformações da agricultura, do artesanato, e da indústria e comércio capitalista foram concluídas no principal, propagaram novamente os absurdos atrás mencionados, tentando impedir que o proletariado continuasse a revolução. Segundo eles, a luta de classes cessara ao ficar resolvida a questão da propriedade, não se tornava necessário consolidar o sistema socialista, o que se impunha era apenas dedicar-se à produção; o sistema socialista era demasiado «avançado» para corresponder às necessidades da China de então, havendo que retroceder e desenvolver o capitalismo. Além disso, nas costas do Presidente Mao, Liu Shao-chi e consortes enxertaram a sua quinquilharia sinistra na resolução do VIII Congresso Nacional do Partido, na vã tentativa de impor à totalidade do Partido a sua linha de seguimento da via capitalista.

Logo nessa altura, o Presidente Mao assinalou que as palavras que Liu Shao-chi e consortes haviam enxertado na resolução do VIII Congresso eram erradas e anti-marxistas. Pouco depois o Presidente Mao tornou pública a sua brilhante obra «Sobre a Justa Solução das Contradições no Seio do Povo» onde, pela primeira vez na história do desenvolvimento do Marxismo-Leninismo, ficaram sistematicamente tratados os problemas sobre classes, contradições de classes e luta de classes na sociedade socialista após a vitória, no fundamental, da transforma-

ção socialista do sistema de propriedade. O Presidente Mao sublinhou: «Na China, embora no essencial se tenha concluído a transformação socialista no que respeita à propriedade», «subsistem ainda resíduos das classes derrubadas, dos senhores de terras e compradores; existe ainda uma burguesia, e a transformação da pequena burguesia apenas começou. De modo nenhum terminou a luta de classes. A luta de classes entre o proletariado e a burguesia, e a luta de classes entre as diferentes forças políticas, bem como a luta de classes no plano ideológico, entre o proletariado e a burguesia, serão ainda prolongadas e sinuosas e, por vezes, tornar-se-ão inclusivamente muito encarniçadas.» «A questão de saber quem vencerá, se o socialismo ou o capitalismo, não está ainda realmente decidida.» E indicou: «O actual sistema social do nosso país é de longe superior ao de outrora. Se assim não fosse, o velho sistema não teria sido derrotado, e o novo sistema não teria sido instaurado.» E ainda: «Em resumo, as relações de produção socialista foram já estabelecidas. Estão em concordância com o desenvolvimento das forças produtivas, mas estão ainda longe de ser perfeitas e essa imperfeição está em contradição com o desenvolvimento das forças produtivas. Além da harmonia e contradição simultâneas entre as relações de produção e o desenvolvimento das forças produtivas, existe ainda uma harmonia e contradição simultâneas entre a superestrutura e a base económica.» Assim, «o nosso regime socialista requer ainda um processo de continuação da sua implantação e de consolidação.» «É à luz das condições específicas que temos de continuar a resolver tais contradições. Naturalmente, resolvidas es-

sas contradições, surgirão novos problemas. Novas contradições exigirão uma solução.» Com a invencível teoria que é o materialismo dialéctico e o materialismo histórico, o Presidente Mao refutou integralmente os absurdos revisionistas de Liu Shao-chi e armou o nosso Partido com a teoria da continuação da revolução sob a ditadura do proletariado.

O desenvolvimento da luta de classes dentro e fora do país oferece constantemente factos novos em prova da justeza da teoria do Presidente Mao de continuação da revolução sob ditadura do proletariado. Os desenfreados ataques dos direitistas burgueses em 1957 e, em particular, o facto grave da restauração do capitalismo na pátria de Lenine, por parte da camarilha renegada Kruschov-Brejnev, verificado a partir do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, deram-nos uma profunda lição: com uma revolução socialista apenas no domínio da propriedade dos meios de produção, sem revolução socialista radical nas frentes política e ideológica, o sistema socialista não pode consolidar-se. Basta olhar para a história do nascimento, desenvolvimento e desmoronamento do capitalismo, para compreender que o sistema capitalista tão-pouco foi instaurado dum golpe só. Uma vez que a revolução proletária é uma revolução para eliminar inteiramente todas as classes exploradoras, ela tem por natureza que implicar uma luta de classes mais aguda e sinuosa do que as anteriores revoluções que substituíam um sistema de exploração por outro sistema de exploração. Apanhando mentalmente desprevenido o proletariado soviético e do mundo, a camarilha renegada Kruschov-Brejnev restaurou a ditadura da burguesia. Foi uma coisa má, mas uma coisa má pode converter-se numa coisa boa. Ela educou o povo soviético e o proleta-

riado mundial. Visto o processo histórico no seu conjunto, a restauração da burguesia na União Soviética não é mais que fenómeno temporário. O proletariado e o povo de todas as nacionalidades da União Soviética hão-de seguramente derrotar a camarilha Kruschov-Brejnev, restaurar a ditadura do proletariado e prosseguir na adopção da via da Revolução de Outubro aberta por Lenine e Estaline. O socialismo triunfará seguramente em todo o mundo. Essa é uma lei objectiva independente da vontade do homem.

A luta contra os direitistas burgueses em 1957, foi uma grande batalha entre o proletariado e a burguesia chineses nas frentes política e ideológica. Por todo o país se procedeu a uma expressão ampla e sem reservas das opiniões, afixaram-se jornais murais de grossos caracteres e realizaram-se grandes debates. A controvérsia centrava-se sobretudo em questões maiores como a de saber se era correcto o nosso trabalho na revolução e edificação, se devíamos seguir a via socialista, se devíamos defender a direcção pelo Partido Comunista, a ditadura do proletariado e o centralismo democrático, e se a política exterior do nosso país era correcta. Os grandes debates habilitaram as grandes massas a fazer uma clara distinção entre o inimigo e nós, entre o justo e o injusto, isolaram os direitistas burgueses e refutaram os absurdos de Liu Shao-chi. Isso representou uma contribuição imensa na elevação do moral do proletariado, no quebrar da arrogância da burguesia, na exaltação do entusiasmo do povo por todo o país pelo socialismo e na impulsão para diante da causa da revolução e construção socialistas da China. Em 1958, o Presidente Mao formulou a linha geral que consiste em **pôr todas as forças em tensão, empenhar-se por estar na vanguarda e construir o socialismo segundo os princípios de quantidade, rapi-**

dez, qualidade e economia. Formulou essa linha geral baseando-se numa síntese da experiência do nosso Partido quanto à edificação de bases de apoio revolucionárias, da experiência da realização do I Plano Quinquenal para desenvolvimento da economia nacional, das lições da restauração kruschovista do capitalismo, da crítica à linha revisionista de Liu Shao-chi e seus iguais, e na base de repetida investigação e estudo. Essa linha geral realça a colocação da política proletária no comando, a ligação da direcção do Partido com as grandes massas populares e constitui um novo desenvolvimento da linha de massas do Partido. Ela estipula que tomemos a agricultura como base e a indústria como factor determinante e formula uma série de princípios condensados no «marchar sobre as duas pernas», tais como pôr em pleno jogo a iniciativa da administração central e a da administração local, acelerar a construção industrial no interior do país ao mesmo tempo que se utiliza plenamente a indústria das regiões litorais, desenvolver simultaneamente a indústria e a agricultura, a indústria ligeira e a indústria pesada, empregar os métodos modernos e os métodos tradicionais e construir ao mesmo tempo empresas pequenas, médias e grandes. Guiado por essa linha geral, o nosso povo criou as comunas populares, forma de organização nas regiões rurais. Uma situação dinâmica de grande salto em frente registou-se na indústria e agricultura de todo o país. Foi uma grande vitória da linha geral do Partido.

Face a essa excelente situação de progresso acelerado da construção e da revolução, Liu Shao-chi e consortes mudaram de tática. Agindo primeiro como extrema «esquerda», opuseram-se à justa tese do Presidente Mao segundo a qual a comuna popular rural constitui um sistema de propriedade colectiva socialista, rejeitaram a lei

do valor e a produção mercantil e sabotaram o movimento revolucionário de massas. O Presidente Mao criticou-lhes oportunamente os erros, defendeu o entusiasmo revolucionário das grandes massas e adoptou medidas concretas para conduzir o movimento de massas pela via justa. Na VIII Sessão Plenária do Comité Central eleito pelo VIII Congresso do Partido, realizada em Agosto de 1959, Pên Te-huai destacou-se por virulentos ataques de direita contra a linha geral do Partido; opôs-se freneticamente ao grande salto em frente, às comunas populares e ao movimento revolucionário de massas. Em seguida, Liu Shao-chi passou igualmente a repetidos ataques de direita contra a linha geral do Partido. Acompanhados das respectivas quadrilhas, fizeram o impossível por exagerar as dificuldades económicas passageiras criadas por três anos de calamidades naturais e pela ruptura de contratos e retirada de peritos operadas pela renegada camarilha revisionista soviética. Eles negavam a realidade de que, dirigido pelo Presidente Mao e aderindo à linha geral do Partido, o povo do país podia superar as dificuldades e tinha já começado a superá-las. Avançaram e promoveram abertamente uma linha revisionista contra-revolucionária para os assuntos internos e externos, a saber, *san zi yi bao* (desenvolvimento dos mercados livres e ampliação das parcelas de terra para uso privado, promoção de empresas pequenas responsáveis pelas suas perdas e ganhos, fixação de normas de produção na base da família) e *san he yi shao* («harmonia» nas relações com o imperialismo, revisionismo e reacção, assistência e apoio reduzidos à revolução mundial). Não eram mais «bandeiras vermelhas» que levantavam para combater a bandeira vermelha, mas sim bandeiras brancas para combater a bandeira vermelha.

O frenesi da camarilha renegada de Liu Shao-chi não representava um sinal da sua força, mas sim do seu pânico ante o aprofundar da revolução proletária. A experiência histórica prova que as actividades dos contra-revolucionários no interior do país e dos oportunistas no seio do Partido, além de revestirem invariavelmente um carácter de luta política, sempre se apresentam coordenadas com as da reacção internacional. Liu Shao-chi e comparsas olhavam a raivosa campanha anti-China lançada pelos imperialistas ianques, pelos revisionistas soviéticos e pelos reaccionários indianos com a sua oportunidade dourada para restaurarem o capitalismo. Os factos provaram-lhes exactamente o contrário. O proletariado e as grandes massas populares chinesas nunca se amedrontaram ante as dificuldades. Os imperialistas, os revisionistas e os reaccionários jamais nos poderiam causar o menor dano com todos os seus bloqueios, embargos, agressões armadas e subversão interior, os quais, pelo contrário, mais nos incitaram a, com ardente entusiasmo revolucionário, guardar a independência e a autonomia, apoiar-nos na independência e na autonomia, apoiar-nos sobre as nossas próprias forças, trabalhar duro pela prosperidade do país e proceder à transformação da sociedade. Não foi o povo chinês quem ficou isolado, foram os imperialistas, os revisionistas e os reaccionários, incluídos os seus lacaios, Liu Shao-chi e companhia.

A X Sessão Plenária do Comité Central eleito pelo VIII Congresso do Partido, em Setembro de 1962, foi uma sessão de grande importância histórica. Ela assinalou o começo de um novo ataque contra a burguesia, lançado pelo proletariado e pelo povo trabalhador da China, sob direcção do Partido Comunista. Nessa sessão, o Presidente Mao lançou o seu grande apelo de «**jamais esque-**

cer a luta de classes», dirigido à totalidade do Partido, do exército e do povo de todas as nacionalidades do país, sintetizou a experiência da China e do movimento comunista internacional e, de modo ainda mais completo, formulou a linha básica do nosso Partido para todo o período histórico do socialismo, linha agora inscrita no Estatuto do nosso Partido. Ele indicou também que, **«para derrubar um poder político, impõe-se em primeiro lugar, preparar a opinião pública e trabalhar no domínio ideológico. Isto vale tanto para as classes revolucionárias como para as classes contra-revolucionárias.»** Após essa sessão, o Presidente Mao escreveu a célebre tese «De Onde Vêm as Ideias Justas?», em que criticou o idealismo e a metafísica burgueses de Liu Shao-chi. Seleccionaram-se e publicaram-se as *Citações do Presidente Mao Tsetung*, com o que se imprimiu um amplo desenvolvimento ao movimento de massas para o estudo e aplicação vivos do Pensamento Mao Tsetung. Face ao apelo do Presidente Mao, o nosso Partido passou ao ataque no domínio ideológico – ópera de Pequim, ballet e música sinfónica – desde há muito sob controlo do quartel general burguês de Liu Shao-chi, e, como resultado as figuras heróicas dos operários, camponeses e soldados começaram a surgir na cena. Ao mesmo tempo, o Partido iniciou o movimento de educação socialista por todo o país. Ao longo desse movimento, a camarilha renegada Liu Shao-chi valeu-se do poder que usurpara para lançar encarnizado contra-ataque sobre o proletariado e opôs-se à política claramente formulada pelo Presidente Mao, segundo a qual **«o alvo principal deste movimento são os dirigentes do Partido, empenhados na via capitalista».** Com métodos que eram de «esquerda» na forma mas de direita na essência, golpeou as grandes massas de qua-

dros e o povo e protegeu o punhado de dirigentes seguidores do capitalismo. Atacou abertamente o método científico marxista de investigação e estudo das condições sociais, defendido pelo Presidente Mao, qualificando-o de «antiquado», opôs-se ao movimento de massas para o estudo e aplicação vivos do Pensamento Mao Tsetung, opôs-se à revolução na literatura e arte e opôs-se à crítica à burguesia. Em Novembro de 1965, o Presidente Mao iniciou a crítica à *Destituição de Hai Juei* e em 1966 Liu Shao-chi e consortes fabricaram o «relatório esquemático de Fevereiro» para opor-se a tal crítica. Os fluxos e refluxos da luta desmascararam ainda melhor Liu Shao-chi como arqui-representante dos dirigentes seguidores da via capitalista no país, como Kruschov chinês. A *Circular* de 16 de Maio de 1966, elaborada sob orientação do Presidente Mao, apelou para que todo o Partido se mantivesse vigilante contra **«os indivíduos do género Kruschov»** que **«presentemente se aninham no nosso seio».** O Grupo da Revolução Cultural, dependente do Comité Central do Partido e criado de acordo com a *Circular* aplicou firmemente a linha revolucionária proletária do Presidente Mao ao longo da Grande Revolução Cultural Proletária. Na XI Sessão Plenária do VIII Comité Central do Partido em Agosto de 1966, o Presidente Mao presidiu à adopção da *Decisão sobre a Grande Revolução Cultural Proletária* e tornou público o seu jornal mural de grossos caracteres, «Bombardear o Quartel General», arrancando oficialmente o véu à linha revisionista de Liu Shao-chi, o que levou ao auge da Grande Revolução Cultural Proletária.

Essa revolução, que o próprio Presidente Mao iniciou e tem estado a dirigir com audácia de grande revolucionário proletário e na qual participam às centenas de milhões as

grandes massas revolucionárias, é «**uma grande revolução política que o proletariado conduz contra a burguesia e todas as outras classes exploradoras; é a continuação da luta que opõe, desde há longos anos, o Partido Comunista da China e as grandes massas populares revolucionárias por ele dirigidas aos reaccionários kuomintangistas; é a continuação da luta de classes entre o proletariado e a burguesia**». Ela pode também designar-se por segunda revolução da China. No início, essa revolução resulta bem pouco compreendida para muitos dos nossos camaradas. Quando as massas se levantaram e se dividiram em dois grupos, recorrendo-se até à violência, o país inteiro pareceu por momentos lançado em completo caos. Alguns perguntavam: se Liu Shao-chi e o seu grupinho usurpam parte do poder da ditadura proletária, basta uma ordem do Presidente Mao para demiti-los; porquê pois recorrer ao método actual? A prática mostrou que o outro método, a demissão não podia resolver o problema, não obstante ter servido em várias ocasiões. Esta revolução não visa apenas a demissão de uns quantos indivíduos; trata-se de uma grande revolução no domínio da superestrutura. Liu Shao-chi não mantinha apenas uma linha política revisionista, mantinha também uma linha organizativa ao serviço da sua linha política. A direcção, em não poucas das unidades, não estava nas mãos dos marxistas e das grandes massas operárias e camponesas. Só mobilizando as grandes massas para denunciarem o lado obscuro abertamente, em todos os sectores e desde a base ao topo, seria possível varrer a camarilha renegada Liu Shao-chi, temperar as centenas de milhões de homens na luta de classes, educá-los em matéria de luta contra o revisionismo e habilitá-los a ganhar experiência na recuperação

dessa parcela de poder usurpada pelo punhado de dirigentes seguidores do capitalismo. Quanto a caos, houve, primeiro, contra-revolucionários e, segundo, seguidores do capitalismo que se lançaram em sabotagens e provocaram desordens sob as mais diversas bandeiras. Mas eles apenas podiam enganar uns quantos dentre o povo, e por pouco tempo. Armadas com exemplares de *Citações do Presidente Mao Tsetung*, as massas participaram em debates e aprenderam, passo a passo, a distinguir entre a gente boa e a gente má e entre a linha revolucionária proletária e a linha reaccionária burguesa, bem como a aplicar correctamente a linha e a política revolucionária proletária do Presidente Mao. Desse modo, o país inteiro ficou transformado numa grande escola para o estudo e a aplicação vivos do Pensamento Mao Tsetung, e as grandes massas aprenderam nos vendavais da luta aquilo que não podiam aprender em momentos normais. Assim, em última análise, o caos apenas levou à desordem o inimigo, o caos temperou as massas. O Exército Popular de Libertação da China realizou novos feitos pelo povo, ao participar nos «três apoios e dois militares» (quer dizer, apoio às grandes massas da esquerda, apoio à indústria e apoio à agricultura; controlo militar e instrução política e militar). Desde o dia da sua fundação, o nosso Exército Popular de Libertação tem sido uma força de combate e ao mesmo tempo uma força de trabalho e uma força de produção, e conta já acima de quarenta anos de experiência na realização do trabalho de massas. Foi por isso que os nossos militares puderam, rapidamente, identificar-se com as massas e imprimir um desenvolvimento relativamente rápido à Grande Revolução Cultural Proletária em distintas zonas, temperando ainda mais o nosso exército. Os comités revolucionários de todos os escalões, criados nas

tempestades da luta de classes, constituem uma «tripla união» de duplo sentido, na medida em que incluem representantes do exército, dos quadros e das massas, representantes das velhas, das médias e das jovens gerações. Os membros dos comités do Partido em todos os escalões, eleitos depois da consolidação do Partido, incluem não somente revolucionários proletários das velhas gerações mas também elementos das médias e das jovens gerações. Tudo isso criou condições favoráveis para a preparação de milhões de sucessores da causa revolucionária do proletariado, e deu ao nosso Partido e ao nosso país uma maior vitalidade. Como afirmou o Presidente Mao, **«a actual Grande Revolução Cultural Proletária é absolutamente necessária e inteiramente oportuna para a consolidação da ditadura do proletariado, para evitar a restauração do capitalismo e para a construção do socialismo»**. Sob a orientação pessoal do Presidente Mao, foi convocado o IX Congresso Nacional do Partido em Abril de 1969, quando a Grande Revolução Cultural Proletária havia já conquistado grandes vitórias. O Congresso adoptou o relatório político do Vice-Presidente Lin bem como o *Estatuto do Partido Comunista da China*, e elegeu o novo Comité Central com o Presidente Mao e o Vice-Presidente Lin. No seu relatório político, o Vice-Presidente Lin expôs sistematicamente a teoria do Presidente Mao de continuação da revolução sob ditadura do proletariado e sintetizou a experiência básica da Grande Revolução Cultural Proletária. Não entraremos pois, neste artigo, nos detalhes sobre essa revolução.

Desde o IX Congresso Nacional do Partido, o desenvolvimento da luta de classes no interior e exterior do país tem provado que a linha do Congresso é inteiramente cor-

recta. As tarefas e as políticas definidas nas I e II Sessões Plenárias do Comité Central eleito pelo IX Congresso do Partido são também totalmente correctas. Embora se tenham conquistado grandes vitórias na Grande Revolução Cultural Proletária, as tarefas a cumprir são ainda muito árduas no que respeita à luta-crítica-transformação nas várias frentes, particularmente na superestrutura, incluídas todas as esferas da cultura. Temos ainda que travar uma luta prolongada para cumprir a tarefa de consolidar melhor a ditadura do proletariado nos planos político, ideológico, económico e organizativo. O Presidente Mao tem-nos ensinado que não devemos pensar que com uma, duas, três ou quatro grandes revoluções culturais tudo ficará em paz. Com efeito, a sociedade socialista abrange um período histórico consideravelmente longo. Em todo esse período há classes, contradições de classes e luta de classes, luta entre a via socialista e a via capitalista, perigo de restauração capitalista e ameaça de subversão e agressão por parte do imperialismo e do social-imperialismo. Essas contradições só podem ser resolvidas graças à teoria marxista da revolução contínua e à prática guiada por essa teoria. Todo o nosso Partido deve guardar seguramente na mente os ensinamentos do Presidente Mao e reconhecer o carácter prolongado e complexo desta luta. Nós devemos realizar com decisão as tarefas de combate traçadas pelo IX Congresso Nacional do Partido e pelas I e II Sessões Plenárias do IX Comité Central, perseverar na continuação da revolução sob ditadura do proletariado e esforçarmo-nos por conquistar vitórias ainda maiores.

O IMPORTANTE É SABER APRENDER

A passagem em revista da rota de combates percorrida pelo nosso Partido neste meio século, confirma a seguinte verdade: quando se afasta da direcção do Presidente Mao e vai contra o Pensamento Mao Tsetung e contra a linha do Presidente Mao, o nosso Partido regista reveses e fracassos; quando segue estreitamente o Presidente Mao, age de acordo com o Pensamento Mao Tsetung e aplica a linha do Presidente Mao, o Partido avança e triunfa. As obras do camarada Mao Tsetung são o balanço mais completo da teoria e da prática do Partido Comunista da China na direcção da revolução e edificação. Sintetizando a experiência histórica do nosso Partido, o camarada Mao Tsetung disse em 1939: **«Partir da compreensão da unidade entre a teoria marxista-leninista e a prática da revolução chinesa, sintetizar as experiências destes últimos dezoito anos e a fresca experiência actual, e difundi-las por todo o Partido, a fim de que este se torne sólido como o ferro e evite a repetição dos erros cometidos no passado – eis a nossa tarefa.»**

Dentre a experiência histórica do nosso Partido sintetizada pelo Presidente Mao, que pontos devem merecer particular atenção e estudo pela totalidade do nosso Partido, hoje em dia?

1. Necessidade de perseverar nesse **«consequente princípio ideológico do nosso Partido»** que é a ligação da verdade universal do Marxismo-Leninismo com a prática concreta da revolução chinesa.

A história do nosso Partido diz-nos: na sua grande prática de direcção da revolução chinesa, o Presidente Mao ateve-se sempre à concepção do mundo do materialismo histórico e perseverou no recurso à posição, ponto de

vista e método marxistas-leninistas para proceder a investigações e estudos exaustivos da situação política e económica das distintas classes da sociedade chinesa e suas inter-relações, proceder à análise concreta da situação dos nossos inimigos, dos nossos amigos e de nós próprios, sintetizar cientificamente as experiências históricas positivas e negativas e formular com justeza a linha e as políticas do Partido; assim, ele herdou, defendeu e desenvolveu o Marxismo-Leninismo e conduziu a totalidade do Partido, exército e povo de todo o país no seu avanço triunfal. Em contrapartida, o divórcio entre a teoria e a prática e o rompimento entre o subjectivo e o objectivo foram a característica ideológica de Tchen Tu-siu, Vam Mim, Liu Shao-chi e outros pseudo-marxistas. Quer à direita quer à «esquerda», partindo da sua concepção idealista e metafísica do mundo combatiam e distorciam o materialismo dialéctico e o materialismo histórico, opunham-se à investigação, ao estudo e à análise de classes, e opunham-se à unidade da teoria com a prática. Falavam também em Marxismo-Leninismo e fingiam até ser teóricos marxistas, mas era apenas para enganar e intimidar os quadros operários-camponeses e os jovens inexperientes, pois pessoalmente nunca tinham pensado em agir de acordo com o Marxismo permanecendo invariavelmente anti-marxistas. Assim é que as suas palavras e actos contrariavam, necessariamente, as leis objectivas do desenvolvimento da sociedade, as reivindicações das massas e a linha revolucionária do Presidente Mao, linha que reflecte fielmente as leis objectivas e o querer do povo, pelo que estavam condenados à falência na prática da revolução. Durante um tempo, alguns dos nossos camaradas estavam incapazes de distinguir a linha correcta da incorrecta, o que tinha como causa subjectiva o facto

de não haverem lido as obras marxistas-leninistas, ou, tendo lido algumas, serem incapazes de aplicar, na observação e solução dos problemas, o princípio ideológico fundamental acima referido e tantas vezes sublinhado pelo camarada Mao Tsetung, e remodelar o seu mundo subjectivo no processo da transformação do mundo objectivo. Isso constituiu uma das mais profundas experiências históricas que todos os membros do Partido Comunista, velhos e novos, devem guardar sempre em mente.

De acordo com o ensinamento do Presidente Mao, «**ler e estudar com seriedade, dominar realmente o Marxismo**», os camaradas em todo o Partido, sobretudo os quadros superiores, estão agora a estudar seriamente as obras de Marx, Engels, Lenine e Estaline e as obras do Presidente Mao, a experiência histórica do Partido nestes cinquenta anos e a experiência actual. A ligação do movimento de estudo dos quadros com o das massas deu resultados positivos e há-de continuar a dá-los. Devemos continuar a persistir nisso. Ao ler e estudar, é essencial ater-se ao princípio de ligar a teoria com a prática. Há que estudar tendo em vista os problemas a resolver, ler e estudar tendo em vista os problemas surgidos nos três grandes movimentos revolucionários da luta de classes, luta pela produção e experimentação científica, os problemas da revolução chinesa e os problemas da revolução mundial. Isso significa combinar a leitura com a investigação e estudo e com a síntese da experiência, combinar o estudo da experiência histórica com a luta de hoje e a crítica do oportunismo passado com a crítica do revisionismo moderno. Depois da libertação à escala do país, o Presidente Mao tem dirigido a totalidade do Partido na realização de numerosas críticas – desde a crítica à *Vida de Vu Siun*, à ideologia burguesa reflectida no estudo do *Sonho do*

Pavilhão Vermelho, a Hu Chi, à camarilha contra-revolucionária Hu Fum e aos direitistas burgueses até à crítica à camarilha renegada Liu Shao-chi; todas essas críticas desempenharam uma grande função educativa na totalidade do Partido, do exército e do povo. A crítica ao revisionismo moderno, que tem como centro a camarilha renegada revisionista soviética, conduzida pela totalidade do Partido sob direcção do Presidente Mao e, em particular, a grande polémica sobre a linha geral do movimento comunista internacional, permitiram à totalidade do Partido uma educação marxista-leninista das mais vivas e mais profundas. A luta entre o Marxismo-Leninismo e o revisionismo moderno é uma luta de princípios entre duas linhas no movimento comunista internacional. Kruschov, Brejnev e companhia são renegados da revolução proletária, são tresloucados social-imperialistas do nosso tempo e constituem a tropa de choque anti-China, anti-comunismo e anti-povo no mundo. Constitui imperioso dever internacionalista do nosso Partido continuar a denunciar e criticar o revisionismo moderno soviético, e levar a luta até ao fim. Todos os camaradas do nosso Partido devem combinar o estudo do Marxismo-Leninismo com a crítica ao revisionismo moderno na China e no estrangeiro, aprender a distinguir entre o Marxismo genuíno e o pseudomarxismo e atingir um domínio realmente bom do Marxismo através da luta.

2. Necessidade de realizar correctamente a luta no seio do Partido. Estabelecer a justa distinção entre os dois tipos de contradições de natureza diferente – as existentes entre nós e o inimigo e as existentes entre o próprio povo – e resolvê-las com correcção é a garantia fundamental do reforço da unidade do Partido na base dos princípios do Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao

Tsetung, e a garantia fundamental de que o Partido conduza o proletariado e as massas revolucionárias à vitória sobre o inimigo.

Há que denunciar radicalmente o infimo número de conspiradores e arrivistas burgueses, renegados e agentes secretos disfarçados no Partido, bem como os agentes infiltrados em conivência com o estrangeiro. A gente não invariavelmente disfarça-se, lança-se em conspirações e faz jogo duplo. Mas, empenhada em mal fazer, tem fatalmente de desmascarar-se. Assim, o traidor, agente infiltrado e fura-groves Liu Shao-chi, que se camuflara no interior do Partido por décadas, acabou denunciado; e Van Min acabou por fugir para o estrangeiro, converteu-se em traidor à nação, em agente secreto a «cem por cento».

Quanto aos camaradas do Partido que cometeram erros, há que tratá-los a todos adoptando-se um outro princípio, a saber: **«unidade-crítica-unidade»**, **«tirar lições dos erros passados a fim de evitar erros no futuro»**, **«tratar a doença para salvar o doente»**, de modo a atingir-se esse duplo objectivo de clareza na ideologia e unidade entre os camaradas. Explicando o referido princípio, o Presidente Mao indicou: **«Os erros passados devem ser apontados sem atender a sensibilidades; é necessário analisar e criticar cientificamente os males do passado, de tal maneira que, no futuro, o trabalho seja mais cuidado e melhor. Esse o significado de «tirar lições dos erros passados a fim de evitar erros no futuro».** O nosso objectivo, porém, ao apontarmos os erros e criticarmos as falhas, assemelha-se ao do médico que trata uma doença, consiste exclusivamente em salvar o doente, e não em matá-lo». O Presidente Mao voltou a sublinhar esse princípio durante a Grande

Revolução Cultural Proletária quando indicou: **«Excepto aqueles elementos anti-partido e anti-socialistas que se recusam obstinadamente a emendar-se, não obstante os repetidos esforços para educá-los, a todos importa permitir a correcção dos erros e encorajar no resgate das próprias faltas.»** Esse princípio justo do camarada Mao Tsetung das contradições no seio do Partido é diferente do absurdo oportunista de direita de «paz interna do Partido», negador das contradições e baralhador do certo com o errado, tanto como do absurdo oportunista de «esquerda» de «luta crua e golpes despiedados». Devemos estudar a experiência histórica da luta travada, em distintas condições históricas, no seio do Partido, de modo que este desempenhe melhor o seu papel dirigente como vanguarda do proletariado.

3. Necessidade de fazer esforços no sentido de guardar-se da arrogância. Isso é particularmente importante para o Partido que conquistou grandes vitórias, que dominou o poder e dirige o povo de múltiplas nacionalidades do país na realização da revolução e construção socialistas, um Partido que arca com grandes deveres internacionalistas frente ao proletariado e aos povos e nações oprimidos do mundo.

O camarada Mao Tsetung assinalou: **«Por várias ocasiões na história do nosso Partido se manifestou uma séria vaidade nas nossas fileiras, pagando nós caro por isso. A primeira vez foi durante a primeira metade de 1927. O Exército da Expedição do Norte tinha chegado a Vuhan, e certos camaradas ficaram tão inchados, tão vaidosos, que esqueceram que o Kuomintang se apresentava para atacar-nos. O resultado foi o erro da linha de Tchen Tu-siu, que levou à derrota da revolução. A segunda vez foi em 1930. Aproveitando-se da**

guerra de grande envergadura que Tchiang Kai-chek fazia a Fom lu-siam e Ien Si-xan, o Exército Vermelho ganhou algumas batalhas, e, de novo, certos camaradas incharam e ficaram vaidosos. O resultado foi o erro da linha de Li Li-san, que causou por seu turno perdas às forças revolucionárias. A terceira vez foi em 1931. O Exército Vermelho tinha esmagado a terceira campanha de «cerco e aniquilamento» lançada pelo Kuomintang, e, logo a seguir, ante o ataque nipónico, o povo da China desencadeou o impetuoso movimento anti-japonês; certos camaradas incharam e envaideceram outra vez. O resultado foi o erro duma linha ainda mais grave, que nos custou cerca de noventa por cento das forças revolucionárias que havíamos formado com tanto esforço. A quarta vez foi em 1938. Tinha-se iniciado a Guerra de Resistência e estabelecido a Frente Única; de novo camaradas houve que incharam e se puseram vaidosos, o que os levou a um erro algo semelhante à linha de Tchen Tu-siu. Dessa vez, o trabalho revolucionário voltou a sofrer enormemente ali onde se fez sentir com maior agudeza o efeito do erro ideológico desses camaradas. Em todo o Partido, os camaradas devem pois extrair uma lição desses exemplos de vaidade e erro.» «...que ninguém se deixe mais dominar pela vaidade nos momentos de vitória.»

«A modéstia conduz ao progresso e a presunção ao atraso. Devemos ter sempre presente essa verdade.»

4. Há que seguir a teoria dos dois pontos e não a teoria dum ponto só. Há que atender à tendência principal e atender também à outra tendência que pode estar encoberta. Devemos considerar integralmente e dominar com segurança o aspecto principal e ao mesmo tempo resolver

um a um os problemas resultantes do aspecto não principal. Devemos ver tanto o aspecto positivo como o aspecto negativo das coisas. Devemos ver os problemas que realmente já surgiram e também considerar os problemas que ainda não são visíveis mas podem surgir.

Durante a revolução democrática, quando o nosso Partido formou uma frente única com a burguesia e o aliar-se passou a ser a tendência principal, o camarada Mao Tsetung opôs-se à tendência de direita de «só unidade, nada de luta». Quando a unidade entre o nosso Partido e a burguesia se rompeu e a luta armada se transformou na forma principal de revolução, o camarada Mao Tsetung opôs-se à tendência de «esquerda» de «só luta, nada de unidade». Nas vésperas da vitória da Guerra Popular de Libertação à escala nacional, o Presidente Mao fez a seguinte previsão: **«Pode acontecer que existam comunistas a quem o inimigo armado não foi capaz de vencer, que se comportaram diante dele como heróis dignos desse título, mas que, incapazes de resistir às balas polvilhadas de açúcar, venham a cair derrotados por estas.»** O Presidente Mao lançou o seguinte apelo à totalidade do Partido: **«Que os camaradas continuem modestos e prudentes, não presunçosos nem precipitados no estilo de trabalho, e perseverem no seu estilo de vida simples e luta dura.»**

Na revolução socialista, sempre que os nossos ataques e vitórias sobre a burguesia se convertem na corrente principal, invariavelmente o Presidente Mao reitera toda uma série de políticas proletárias e recorda-nos que permaneçamos prudentes, ampliemos o sector de educação e reduzamos o sector de ataque, nos unamos a todas as forças susceptíveis de ser unidas e evitemos e ultrapassemos a tendência de «esquerda» contrária a tais políti-

cas. E quando a burguesia ataca ou quando o Partido depara com dificuldades temporárias na sua marcha para diante ou concentra as forças na correcção de certas insuficiências ou erros no trabalho, invariavelmente o Presidente Mao nos recorda que permaneçamos firmes, persistamos na direcção proletária, distingamos entre os aspectos principal e secundário, não olhemos tudo como positivo nem neguemos tudo, que nos guardemos contra a sabotagem e os contra-ataques dos inimigos abertos e camuflados e combatamos e derrotamos a tendência de direita desviada da órbita do socialismo. Em cada momento crucial da História, sempre que uma tendência se desenvolveu a ponto de fazer perigar a causa do Partido, o Presidente Mao, com a intrepidez revolucionária proletária de prosseguir à contra-corrente, sempre nos fixou seguramente a rota.

5. Necessidade de persistir na linha de massas. A linha fundamental em todo o trabalho do nosso Partido consiste em apoiar-se nas massas, ter fé nas massas e mobilizá-las plenamente, **«das massas para as massas», «sintetizar as ideias das massas e levá-las de novo às massas, a fim de que estas as apliquem firmemente.»** Nós aderimos firmemente aos princípios de **independência e autonomia e apoio nas nossas próprias forças**, justamente porque estamos seguros de que **«o povo, e só o povo, constituiu a força motriz na criação da história universal.»**

Quer na revolução democrática quer na revolução socialista, o camarada Mao Tsetung sublinhou sempre a importância da linha de massas. Ele considera a perseverança na linha de massas como problema fundamental para a persistência na teoria materialista dialéctica do conhecimento, e considera o trabalho no interesse da

maioria esmagadora do povo da China e do mundo como exigência aos sucessores da causa revolucionária do proletariado. O Presidente Mao refutou perspicazmente os pontos de vista reaccionários dos pseudomarxistas como Tchen Tu-siu, Vam Mim e Liu Shao-chi, que difamavam e reprimiam as massas populares, e sempre criticou e corrigiu as várias tendências que, no seio do Partido, se orientavam no sentido de desligar-se das massas. O Presidente Mao ensinou-nos repetidamente: A relação entre o Partido Comunista e o povo é como a do peixe à água. Em momento nenhum deve um comunista divorciar-se das massas. Agora que conquistámos estrondosas vitórias na Grande Revolução Cultural Proletária e os laços entre o Partido e as massas estão mais estreitados que nunca, devemos prestar ainda maior atenção ao ir às massas, demonstrar preocupação por elas, ouvi-las atentamente e consultá-las sempre que surgem problemas. Precisamos de dirigir correctamente as escolas de quadros 7 de Maio. Devemos participar regularmente no trabalho colectivo de produção. Impõe-se estarmos vigilantes contra a repetição do erro de divorciar-se das massas. Contrariamente a quem diz ser «um simples cidadão comum», quando na prática é um grande arrivista, nós devemos aprender honestamente com as massas ao mesmo tempo que incansavelmente as educamos no Pensamento Mao Tsetung, superamos as tendências erradas e elevamos a consciência do povo.

O Presidente Mao sempre velou pela unidade de todas as nacionalidades do país. O nosso país é um país multi-nacional; impõe-se que asseguremos boas relações entre a nacionalidade Han e as minorias nacionais. Devemos combater tanto o chauvinismo Han como o nacionalismo local, desenvolver as relações fraternais que as

diversas nacionalidades forjaram na revolução e na luta de edificação da Pátria, e reforçar a grande unidade do povo de múltiplas nacionalidades.

6. Necessidade de perseverar no centralismo democrático. O Estatuto do nosso Partido estipula claramente que o princípio de organização do Partido é o centralismo democrático, quer dizer, centralismo na base da democracia e democracia sob direcção centralizada. Quer dentro quer fora do Partido, devemos criar uma situação política em que exista tanto centralismo como democracia, tanto disciplina como satisfação individual e vivacidade. O nosso Partido é um partido militante; sem centralismo, disciplina e unidade de vontade, não pode vencer o inimigo. E não pode haver centralismo correcto sem democracia. Por isso é que o camarada Mao Tsetung sempre se opôs à prática de «o que eu digo é que conta» e defendeu a prática de «que todos possam dar opinião». Opõe-se à mentira e defende a verdade. Exige aos sucessores da causa revolucionária do proletariado, a audácia na crítica e autocrítica. Devemos pôr em pleno jogo o tradicional estilo democrático de trabalho do nosso Partido, praticar sempre a crítica e autocrítica, persistir na verdade e corrigir os erros. Mas quer no exército quer no sector civil, a nossa democracia visa consolidar o centralismo, reforçar a disciplina e elevar a capacidade de combate, jamais o contrário. Os comités do Partido, em todos os escalões, devem instituir e aperfeiçoar o sistema de comités do Partido, reforçar a direcção centralizada, prevenir a descentralização excessiva e a prática da «multiplicidade de centros», que significa nenhum centro, e devem atingir uma unidade de pensamento, política, plano, comando e acção na base do Pensamento Mao Tsetung e sob a direcção do Comité Central do Partido que tem como Presidente o

camarada Mao.

7. Necessidade de edificar um poderoso exército popular. A experiência histórica do Partido mostra-nos que **«sem exército popular, o povo nada terá.»** O Exército Popular de Libertação da China é um exército proletário criado e dirigido pelo nosso grande dirigente, o Presidente Mao. **«O nosso princípio é o seguinte: o Partido comanda a espingarda, jamais permitiremos que a espingarda comande o Partido.»** Perseverando na linha marxista-leninista, o Presidente Mao venceu a sabotagem por parte do oportunismo de «esquerda» e direita, e consequentemente o nosso exército cresceu em força e converteu-se no sustentáculo da nossa ditadura do proletariado. O mundo não terá paz enquanto existirem classes, enquanto existir imperialismo. As duas super-potências, imperialismo norte-americano e social-imperialismo revisionista soviético, estão hoje, uma com a outra, em disputa e em conluio, e promovem uma política de hegemonia no vão intento de dividirem o mundo. E o militarismo japonês também se esforça em vão por reanimar o sonho mirabolante duma «esfera de co-prosperidade da Grande Ásia Oriental». Assim, em caso algum podemos subestimar o perigo de que recorram à agressão e subversão contra a nossa pátria. O nosso princípio é este: **se não nos atacarem, não atacaremos, se nos atacarem, seguramente que contra-atacaremos.** Nem por um momento esqueceremos a preparação contra a guerra. Devemos estar permanentemente prontos a esmagar a agressão e subversão desencadeadas por qualquer imperialismo. Estamos determinados a libertar Taiwan. Nós não necessitamos apenas dum poderoso exército, necessitamos também duma poderosa força aérea e duma poderosa marinha de guerra. Não

necessitamos apenas de dispôr dum poderoso exército regular, devemos também organizar uma milícia popular de grande envergadura. Desse modo, todo o imperialismo que ousar invadir-nos o país será por nós submergido no imenso oceano da guerra popular.

8. Necessidade de perservar no internacionalismo proletário. O Presidente Mao tem educado constantemente a totalidade do Partido e do povo do país no internacionalismo proletário, para que possam vencer as interferências oportunistas de «esquerda» e direita, e tratar correctamente a relação entre a revolução na China e o apoio e ajuda desta à revolução mundial.

Nas suas lutas destes cinquenta anos que passaram, o Partido Comunista da China sempre beneficiou do apoio do proletariado mundial e dos povos de todos os países, do apoio dos países e organizações amigas e do apoio dos partidos irmãos e organizações marxistas-leninistas de todo o mundo. As vitórias que conquistámos são inseparáveis do apoio por eles prestado. Nós estar-lhes-emos para sempre gratos, jamais os esqueceremos. O Presidente Mao ensina-nos: **«Segundo o ponto de vista do Leninismo, a vitória final num país socialista não exige apenas os esforços do proletariado e das grandes massas populares desse mesmo país, ela está também dependente da vitória da revolução mundial, da abolição do sistema de exploração do homem pelo homem em todo o mundo, com o que se emancipará a humanidade inteira.»** Os interesses fundamentais do proletariado chinês e do povo da China são totalmente idênticos não só aos interesses dos povos da Albânia, Vietnam, Laos, Camboja e Coreia, e de todos os países asiáticos, africanos e latino-americanos, como também aos interesses dos povos de todos os países, incluindo os

povos dos Estados Unidos, União Soviética e Japão. Como o Presidente Mao assinalou na sua declaração de 20 de Maio de 1970, **«subsiste o perigo de nova guerra mundial, os povos de todos os países devem preparar-se. Mas a tendência principal no mundo é, presentemente, a revolução».** A tarefa do Partido Comunista da China consiste, por um lado, em conduzir o proletariado e as grandes massas populares do país na realização cabal da revolução e da edificação do país, e, por outro lado, em despender os maiores esforços para lutar ombro a ombro com os povos dos demais países na derrota dos agressores norte-americanos e todos os seus lacaios, combater a política de hegemonia promovida pelas duas super-potências e combater a política imperialista de agressão e guerra. Essa a nossa posição de princípios, firme e inabalável. Embora tenhamos alcançado certo êxito na nossa revolução e edificação, comparativamente o nosso país ainda se encontra pobre e atrasado. A nossa contribuição à revolução mundial é ainda muito reduzida. Devemos prosseguir nos nossos esforços. E mesmo dentro de várias dezenas de anos, quando a China se converter em país socialista forte, jamais deveremos deixar-nos possuir pela arrogância do chauvinismo de grande potência e grande partido. Devemos ter sempre presente o ensinamento do Presidente Mao: **«nas relações internacionais, nós, os chineses, devemos liquidar o chauvinismo de grande potência de maneira resoluta, radical, integral e total.»** Toda a nação, grande ou pequena, tem os seus pontos fortes e os seus pontos fracos. Devemos aprender dos pontos fortes dos povos revolucionários dos demais países, unir-nos sempre a eles, lutar e conquistar juntos a vitória.

Ao longo duma luta prolongada e árdua, milhares e mi-

lhares de mártires deram as suas vidas pela causa da libertação do povo da China e do mundo. O seu espírito revolucionário constitui eterna inspiração para nós. Sejam quais forem as dificuldades e privações, nada poderá deter o nosso avanço.

Vivemos a era em que o imperialismo corre para o colapso total e o socialismo marcha para a vitória no mundo. Comparativamente ao momento de há meio século em que nasceu o Partido Comunista da China, a situação revolucionária é, em todo o mundo, excelente, melhor do que nunca. A destruição final do imperialismo, do revisionismo e da reacção já não está longe.

Unamo-nos para conquistar vitórias ainda maiores!

Viva o Marxismo-Leninismo-Pensamento Mao Tsetung!

Viva o grande, glorioso e correcto Partido Comunista da China!

Viva a vitória da linha revolucionária proletária do Presidente Mao!

Viva, viva, viva o grande dirigente, o Presidente Mao!